

qualquer coisa de intermédio

CATARINA BOTELHO

The struggle over space is also a struggle over time and who controls it. Resist neoliberal modernisation and (so we are told) you consign yourself to the past [...].

The struggle here is not only over the (historical) direction of time but over different uses of time. Capital demands that we always look busy, even if there's no work to do. If neoliberalism's magical voluntarism is to be believed, there are always opportunities to be chased or created; any time not spent hustling and hassling is time wasted. The whole city is forced into a gigantic simulation of activity, a fantacism of productivism in which nothing much is actually produced, an economy made out of hot air and bland delirium.

Mark Fisher, *Ghosts of My Life*, 2014, pp. 98-99.









Mudei-me para Barcelona há quase 4 anos. Nos primeiros tempos a vivência do espaço público tinha sobre mim um efeito opressivo: a grande densidade da malha urbana; os espaços públicos com funções extremamente definidas; o grande número de pessoas e a enorme quantidade de lojas nos pisos térreos; a velocidade a que tudo se movia; o pavimento coberto de cimento ou asfalto; a turistificação – eram esmagadores.

A cidade parecia mover-se a grande velocidade entre a produtividade e o consumo. E toda essa actividade contrastava fortemente com a precariedade e dificuldades quotidianas das vidas de quem ia conhecendo. Surgiam em mim duas necessidades aparentemente contraditórias: se por um lado precisava de escapar daquele ritmo em que o espaço urbano me envolvia, por outro tinha a necessidade de me apropriar da cidade. Nessa altura surgiu a pergunta que me tem acompanhado ao longo desta investigação: onde se pode respirar na cidade hoje?

Falo de respirar no sentido que Sara Ahmed refere no seu livro *The Promise of Happiness* / *La Promesa de Felicidade*, em relação às necessidades das pessoas *queer*:

Acredito que a luta das pessoas *queer* para conquistar uma vida suportável é uma luta por ter um lugar para respirar. Para nós, ter um lugar para respirar, ou ser capaz de respirar livremente, é, como aponta Mari Ruti, uma aspiração. E com o ar vem a imaginação. E com o ar vêm as possibilidades. Se a política *queer* tem a ver com liberdade, talvez essa não seja outra liberdade que não seja a de simplesmente respirar.¹

Parece-me que, no que diz respeito ao espaço urbano, a falta de espaços para respirar - no fundo, para existir - se coloca a um conjunto alargado de pessoas. Todas aquelas que não encontram aí lugar onde pensar/inventar as suas existências. O que me levou a outra pergunta: Onde estão os espaços de invenção nas cidades de hoje?

Comecei então a caminhar por Barcelona, pelos bairros mais afastados do centro. Procurava espaços de respiração: quebras, interrupções, vazios, lugares que fossem criados por quem usa a cidade e não pelos poderes que a pretendem definir. A minha procura terminou nos baldios limítrofes, quando finalmente saí do cimento e pisei a terra. Durante o ano de 2019 a minha rotina consistia em sair da minha casa no centro de Barcelona, pela manhã, e atravessava a cidade até chegar a um desses territórios.

O baldio é um espaço sem regras definidas *a priori*, sem plano ou vigilância, espaço de alteridade onde existências *invisibilizadas* criam os seus próprios mundos. Aí fui encontrar os

¹ Tradução minha da edição em castelhano - Sara AHMED (2000), *La promesa de la felicidad. Una crítica cultural al imperativo de la alegría*, Buenos Aires: Caja Negra.

rastos daquelas e daquilo que a cidade expulsa, o marginalizado, o que ocupa espaço mas não é *mercantilizável*, o que é considerado ilícito e ilegal: zonas de convívio a céu aberto; lugares onde se bebe em grupo; hortas, muitas hortas; trabalho sexual; lugares de encontro de *grafiteiros* ou *skaters*; habitações improvisadas; campos de *criquet* precários; espaços de *cruising*; lugares de uso, recreativo ou outro, de drogas. Estas presenças materializam-se em rastros, ocupações ou construções que habitam estes lugares. Algumas com funções práticas reconhecíveis, outras, enigmáticos jogos de materiais dispostos no espaço. Foi nesses gestos de apropriação, de criação, de organização de mundo, que me concentrei.

Estas “intervenções”, na sua construção de cariz precário, espelham ao mesmo tempo a resiliência, a força, e a vulnerabilidade dos corpos que as criaram. Normalmente são compostas por materiais ou objectos de fabrico humano. As mais duradouras, com o tempo, vão sendo invadidas, poderia dizer-se completadas, por espécies vegetais.

A série fotográfica que aqui partilho parcialmente, composta por 18 fotografias e com o título “qualquer coisa de intermédio”, é uma aproximação às “intervenções” que habitam os baldios de Barcelona. Se tomar conta de um pedaço de mundo, dar-lhe a nossa atenção, é, de alguma forma, poder pertencer ao mundo inteiro, e fazer com que, de alguma forma, o mundo inteiro nos pertença, o que acontece quando não nos é dada essa hipótese? Não raras vezes, uma disputa. É simultaneamente essa possibilidade de tomar conta de um pedaço de mundo e essa disputa que creio estarem presentes nesta série fotográfica.

No *Manifesto da Terceira Paisagem*, Gilles Clément define estes *lugares residuais*, como lugares em transição, *entre duas ordens*²: uma que já terminou e outra que há-de vir. Espaços que não são a luz nem a sombra, que não são o poder nem a submissão ao poder. O baldio é um espaço de possibilidades, de liberdade, aberto, que se pode definir pela ausência de regras.

No entanto, foi-me impossível romantizar estes lugares. Desde o primeiro dia em que entrei neste território, tive sentimentos contraditórios. Por um lado, sentia no baldio um espaço de respiração, em que me era permitido viver uma interrupção dessa velocidade *produtivista* que me esmagava. Mas por outro, sempre que me encontrava num desses terrenos pouco acessíveis, pensava que se me acontecesse alguma coisa ninguém me iria escutar gritar. Tanto a minha condição de mulher, como a confirmação de que o espaço público, e por consequência o baldio, é (ainda) um território masculino, tornavam-se penosamente presentes. A mesma falta de regras, de vigilância social, que me permitia sentir a possibilidade de respirar, colocava-me em risco de violência.

² Gilles CLÉMENT (2018), *Manifiesto del Tercer Paisaje*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Essa contradição permaneceu comigo durante todo o projeto, e está presente nas notas que escrevi ao longo desses meses e que anexo em baixo. Tal como nos refere Manuel Delgado na introdução do livro *Hacia los Umbrales de la Ciudad* de Stavros Stavrides,³ o baldio contém em si a negação mas também, de certa forma, o requisito da ordem social. Talvez outra ordem social, é certo, mas alguma.

Notas

Respirar

cada dia me afasto mais do centro
apanho o autocarro, o comboio ou metro
até a algum lugar, zona limite do espaço urbano

quando piso a terra sinto-me a respirar pela primeira vez
não porque o ar seja mais limpo,
ou porque o silêncio seja mais espesso,
talvez porque finalmente estou comigo.

ando quilómetros, lugares até então para mim desconhecidos
caminho em silêncio e raramente encontro alguém
à medida que avanço pelo espaço, cresce em mim uma sensação de intimidade
o meu corpo, aquele lugar, aquele chão, as árvores, as ervas, o ar
não existem distrações
só nós, sozinhas, numa conversa sem palavras

Caminhar

Hoje andei pela zona industrial
O autocarro deixou-me numa avenida larga, ladeada por enormes armazéns, onde circulam
carros e camiões e quase não se vêem pessoas
caminhei até chegar a uma estrada e mais à frente ao caminho de terra que procurava
à entrada havia uma tabuleta que dizia:
proibida a entrada a pessoas estranhas à obra

hesitei uns segundos e avancei
silêncio,
apenas o barulho do vento e dos meus passos na terra seca
o caminho era estreito, de um lado canaviais e do outro muros improvisados,
pensei que ali me poderia acontecer qualquer coisa

³ Stavros STAVRIDES (2016), *Hacia los Umbrales de la Ciudad*, Madrid: AKAL.

e à medida que ia deixando a estrada para trás
o meu corpo tornava-se mais tenso
espero não encontrar ninguém pensei

Fiz todo o caminho a olhar para trás

Cidade

Esta cidade não termina até que termina
muitas cidades vão-se rarefazendo à medida que nos afastamos do seu centro,
e misturam-se edifícios e terrenos de vários tipos
aqui não, esta é uma cidade densa até ao fim
E de repente acaba
acaba-se o cimento e começa a terra, o solo permeável, o pó,
e estamos num descampado, numa horta, num bosque

nesse lugar em que a cidade se detém, o cimento parece descansar
como um animal predador, que se imobiliza depois de uma longa caminhada,
e toma fôlego antes da próxima investida

Polícia

Atravesso um parque de estacionamento, e depois um descampado
vejo ao fundo uma tenda de campismo, aproximo-me
Apercebo-me de que existem pelo menos mais duas por trás de uns arbustos
Penso em tirar uma fotografia, decido não fazê-lo

(Nas minhas caminhadas encontro frequentemente pequenas estruturas ou tendas, isoladas
ou em pequenos conjuntos. Algumas habitadas por quem chega de longe e não tem onde
ficar, outras por aquelas que a cidade descarta, expulsa do seu interior.)

Quando me afasto, em direcção ao caminho principal, surgem dois carros da polícia
Lá de dentro saem 4 homens. Por momentos não percebo se estão a olhar para mim ou para
as tendas. Falam e tiram fotografias com o telemóvel.
Envergonho-me da hesitação que tive minutos atrás,
envergonho-me de estar a invadir a intimidade das pessoas que ali moram,
o seu espaço de recolhimento
e fico a pensar nas semelhanças entre o meu trabalho e o destes polícias

Passados alguns dias volto ao mesmo lugar
já não existem tendas, apenas alguns destroços e objectos deixados para trás

Construções

à medida que penetro mais profundamente nestes territórios,
rastros, sinais, marcas ou construções tornam-se mais frequentes

Algumas têm funções reconhecíveis: a cerca de uma horta, uma fogueira no frio da noite ou um banco para descansar

Mas são aquelas sem funções claras que me fascinam
enigmáticas, estas presenças seduzem-me

pequenas danças ou jogos, que os humanos fazem com a vegetação, o ar e a terra

ao princípio não lhes dava muita importância, pensava-as apenas naufragos da cidade
mas depois percebi que era elas que procurava, era por elas que estava ali
exercícios de organização de mundo
como aqueles feitos pelas crianças que ainda não foram domesticadas
esculturas involuntárias mais vivas que quaisquer outras

Tempo

estes lugares não têm nome
são perto de algo, depois de algum sítio, antes de chegar a outro
espaços em transição e transitórios, algo entre a ordem humana e a vegetal

aqui uma estranha lei do mais forte convive com um sentido de comum
e o espaço sem regras desenha um tempo próprio, simultaneamente novo e velho
mas outro,
e com ele se abrem histórias outras, vidas outras

Bolo

tenho uma imagem recorrente na cabeça:
alguém a despejar uma gigante tigela de cimento sobre a cidade
como quem deita chocolate sobre um bolo
aqui todas as superfícies estão cobertas
rijas, densas, impenetráveis
aqui nem os canteiros das árvores têm terra à vista
Parece que há um certo horror a esse elemento, imprevisível, esvoaçante, do qual pode
nascer qualquer coisa.
Como se a mera existência de um quadrado de terra, viesse perturbar a ordem estabelecida

há um rumor do bosque no pequeno jardim?

No meio disto apenas os nossos corpos se movem, teimam em existir, resistir
inventam caminhos e ensaiam futuros
E às vezes, quando o peso do cimento se torna esmagador, a sensação de impossibilidade
transforma-se em revolta, e explode contra as superfícies inertes das arquiteturas mortas
desta enorme cidade

Catarina Botelho

(Lisboa, 1981). A minha prática principal é como artista visual. O meu trabalho relaciona-se com os usos e vivências dos espaços, arquitectura e cidade, e as noções de *tempo* e produtividade. Exponho regularmente desde 2005. Paralelamente, organizo actividades e espaços de debate e pensamento colectivos, em museus ou associações. Sou licenciada em pintura e em 2018 participei no programa de estudos independentes (PEI) do MACBA. Actualmente encontro-me em residência na Escocesa – Fábrica de Criação de Barcelona. Nos últimos anos recebi bolsas da Fundación “La Caixa” e Fundação Gulbenkian. catarinabotelho@gmail.com +351 964625472